

HOMENS DE UNIFORME

As relações entre fascismo e sadomasoquismo

MARÍLIA LOSCHI, PATRÍCIA ALBUQUERQUE E PAULA STROZENBERG

"A cor é o preto, o material é o couro, a sedução é a beleza, a justificação é a honestidade, o objetivo é o êxtase, a fantasia é a morte".

Desta forma Susan Sontag apresenta o sadomasoquismo: como uma *mise en scène*, no texto *O fascinante fascismo*, em que ela faz uma análise da proximidade da prática S&M com a estética fascista. Decerto, a princípio é de causar estranheza que um regime repressor, como o nacional-socialismo alemão, influencie tais fantasias sexuais. No entanto, o sadomasoquismo e sua relação com regimes autoritários não é, de forma alguma, novidade (vide *Calígula*). O que Sontag faz é mostrar que a imagem dos soldados da SS povoaram o imaginário popular de forma bastante lasciva no pós-Segunda Guerra Mundial.

Não foi Sontag a única a perceber este estreito elo entre a violência autorizada do fascismo e a sedução. O filme *O portoiro da noite* (1973), de Liliana Cavani, narra a relação entre um ex-oficial nazista e sua ex-prisioneira. Na Viena pós-guerra eles se reencontram e passam a reviver aquela particular relação torturador-vítima. O espectador vê cenas do passado como ficaram gravadas na memória dos

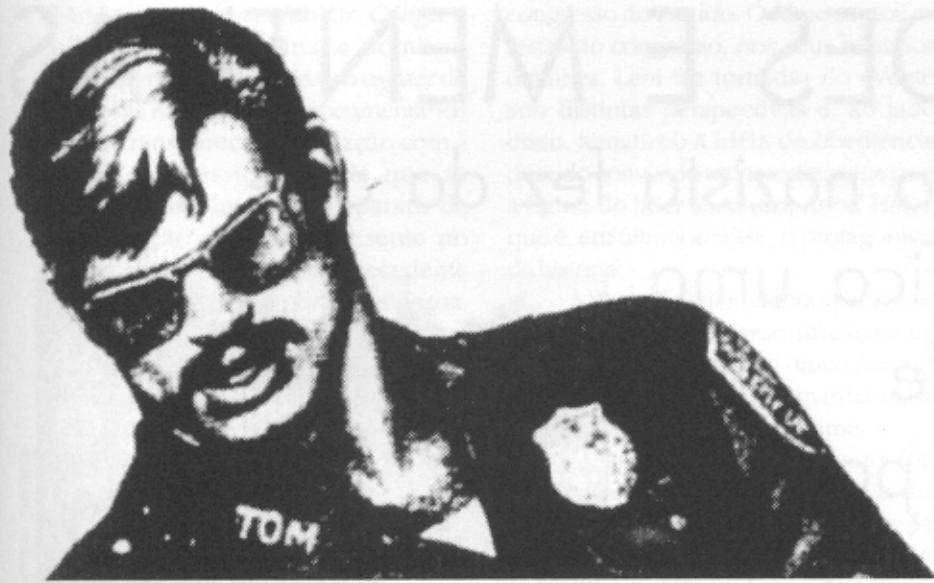


Ao buscar uma imagem de autoridade perfeita e dominação absoluta, o sadomasoquista encontra seu ideal nos imponentes oficiais da SS: dar e obedecer ordens, estar sujeito a penalidades, receber o castigo.

personagens: momentos intensos de dor e humilhação adicionados a uma profunda carga erótica. A prisioneira sente prazer ao lembrar de situações que, pelo senso comum, causariam repulsa. Ela é capaz de transformar sua própria realidade em representação, entrando no jogo sadomasoquista.

Usando cenário e acessórios da tortura fascista, o filme reforça a ideia de que há semelhança entre o fascismo e o sadomasoquismo: a teatralidade. "Estar envolvido no sadomasoquismo é participar de um teatro sexual", segundo Sontag; ao vestir sua melhor indumentária *sadomasô*, o indivíduo apela para a licença de

cometer ou ser vítima de atos de violência, sem que isso o atinja em sua moral. Da mesma forma, quando um soldado da SS vestia seu uniforme negro e cravejado de insígnias, com o orgulho de servir à nação, a ação de matar era autorizada, e o risco de morrer era a aventura estimulante. Ambos permitem que se representem papéis; pode-se brincar, sem assumir responsabilidades,



como se os participantes estivessem em um palco ou num jogo com regras preestabelecidas.

A diferença de uma atividade lúdica que utiliza a violência - de forma consentida - para a guerra é justamente o pacto, que na guerra é inexistente: apenas os soldados experimentam algum tipo de satisfação sadomasoquista, enquanto suas vítimas vivem a dor sem defesas, limites ou prazer. Na prática fascista não há dois personagens; a vítima não contracena espontaneamente. Já no sadomasoquismo há um consenso e uma negociação entre as partes, de forma que um dos parceiros pode interromper o jogo quando bem desejar.

"A base do sadomasoquismo é o antagonismo entre domínio e submissão, poder e desamparo", nas palavras da sexóloga Regina Navarro Lins. A recorrência à imaginação, servindo-se do fascismo, ocorre justamente por este ter sido um regime em que tais ingredientes estiveram presentes em seu grau máximo. Para quem não viveu na época da Segunda Guerra, a relação sadomasoquista implica a representação do domínio. Ao buscar uma imagem de autoridade perfeita e dominação absoluta, o sadomasoquista encontra seu ideal nos imponentes oficiais da SS e nas vítimas de seus requintados jogos violentos. São aspectos tentadores para o sadomasoquismo: dar e obedecer ordens, estar sujeito a penalidades, receber o castigo; isso acontecia não só na relação soldado-vítima, mas igualmente na relação entre os oficiais da SS.

"Há uma fantasia generalizada sobre uniformes. Eles sugerem comunidade, ordem, identidade, competência, autoridade legítima e exercício legítimo da violência" - Susan Sontag

De acordo com Regina Navarro, em um grande número de relações sadomasoquistas não é necessariamente a dor física que está presente, mas sua teatralização, visando aumentar o prazer sexual sem machucar. Os símbolos dessa representação estão em fotos sadomasoquistas e nos acessórios vendidos em sex-shops, como chicotes, máscaras, correntes, braceletes, coleiras, quepes, botas, algemas e roupas de couro. Todos esses adereços nos lembram figurinos ou, metaforicamente, uniformes. Susan Sontag afirma que "há uma fantasia generalizada sobre uniformes. Eles sugerem comunidade, ordem, identidade, competência, autoridade legítima e exercício legítimo da violência", através de ícones (medalhas e faixas, por exemplo) que trazem reconhecimento de valor. Tudo faz parte da *mise en scène*.

Sontag defende que "se a mensagem do fascismo foi neutralizada por uma visão estética da vida, seus ornamentos foram sexualizados". A riqueza de detalhes - botas pesadas,

fivelas de cinto, faixas de punho, casquete, emblema de colarinho - tudo isso condiz com uma fantasia sexual. Fantasia é feita de detalhes; são detalhes que encontramos em sex-shops.

Também faz parte do teatro determinado padrão estético. Os nazistas não apenas dominavam e subjugavam os não-arianos; eles se pretendiam esteticamente belos. O "ideal de beleza" contribui para as fantasias. Hitler propagou a imagem do homem perfeito e saudável, de corpo modelado através de exercícios regulares e uma dieta equilibrada (em uma analogia à cruel "limpeza" que o nazismo estava decidido a fazer). A beleza cultivada e o esforço físico eram a tentativa de purificar o homem e levá-lo ao contato mais elevado com sua natureza primordial, com o ancestral alemão que Hitler evocava e impelia a resgatar. Desta forma, os soldados a serviço do nazismo eram um belo desfile de corpos bem delineados, fortes, poderosos, disciplinados e... atraentes.

Sontag vai ainda mais longe quando afirma que "o sadomasoquismo é para o sexo o que a guerra é para a vida civil: a magnífica experiência". O sadomasoquismo não é considerado prática comum; é apenas para os *ousados, corajosos e diferentes* que sofrem e inflingem a dor em nome do *ideal* de prazer. Da mesma forma, um soldado enfrenta o campo de batalha em nome de um *ideal* de Nação. Os dois se colocam diante de situações extremas: dor x prazer e vida x morte.

Vivemos numa sociedade cujo discurso é libertário; escolhemos nossas profissões, os filmes a que vamos assistir, o sabão em pó que vamos consumir e também nossa prática sexual. Com tanta liberdade, o sadomasoquismo é o máximo da escolha individual, não só pela situação limite contida nele, mas também por que encena o extremo oposto da liberdade: o teatro da dominação é a negação da opressiva individualidade; é um jogo psíquico, como o é o da fantasia. O sadomasoquismo é rebelde, encena domínio ao mesmo tempo que exerce a liberdade de escolha.